

O DUQUE
DE JÃO
LONGE

A DONA DO CASTELO

~ LIVRO UM ~

O DUQUE
DE JÃO
LONGE

ALICE RODRIGUES AMORIM

plus+
editora

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021
Copyright © Alice Rodrigues Amorim, 2019

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Giovanna Vaccaro

PRODUÇÃO EDITORIAL
Jadna Alana

PREPARAÇÃO
Lucy Santos

REVISÃO
Jadna Alana

CAPA
Resumo Editorial

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

MAPA
Fillipe Azevedo

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Amorim, Alice Rodrigues
O duque de Tão Longe / Alice Rodrigues Amorim. – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-70-1

1. Ficção brasileira 2. Fantasia. I. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

Dedico este livro às seis pessoas mais especiais da minha vida: Lucíola, Isaac, Luisa, Laura, Júlia e Luís Eduardo.

“Os doidos perderam tudo, menos a razão. Têm uma (razão) particular. Os mentirosos são parecidos com os escritores que, inconformados com a realidade, inventam outras.”

Ariano Suassuna.

AGRADECIMENTOS

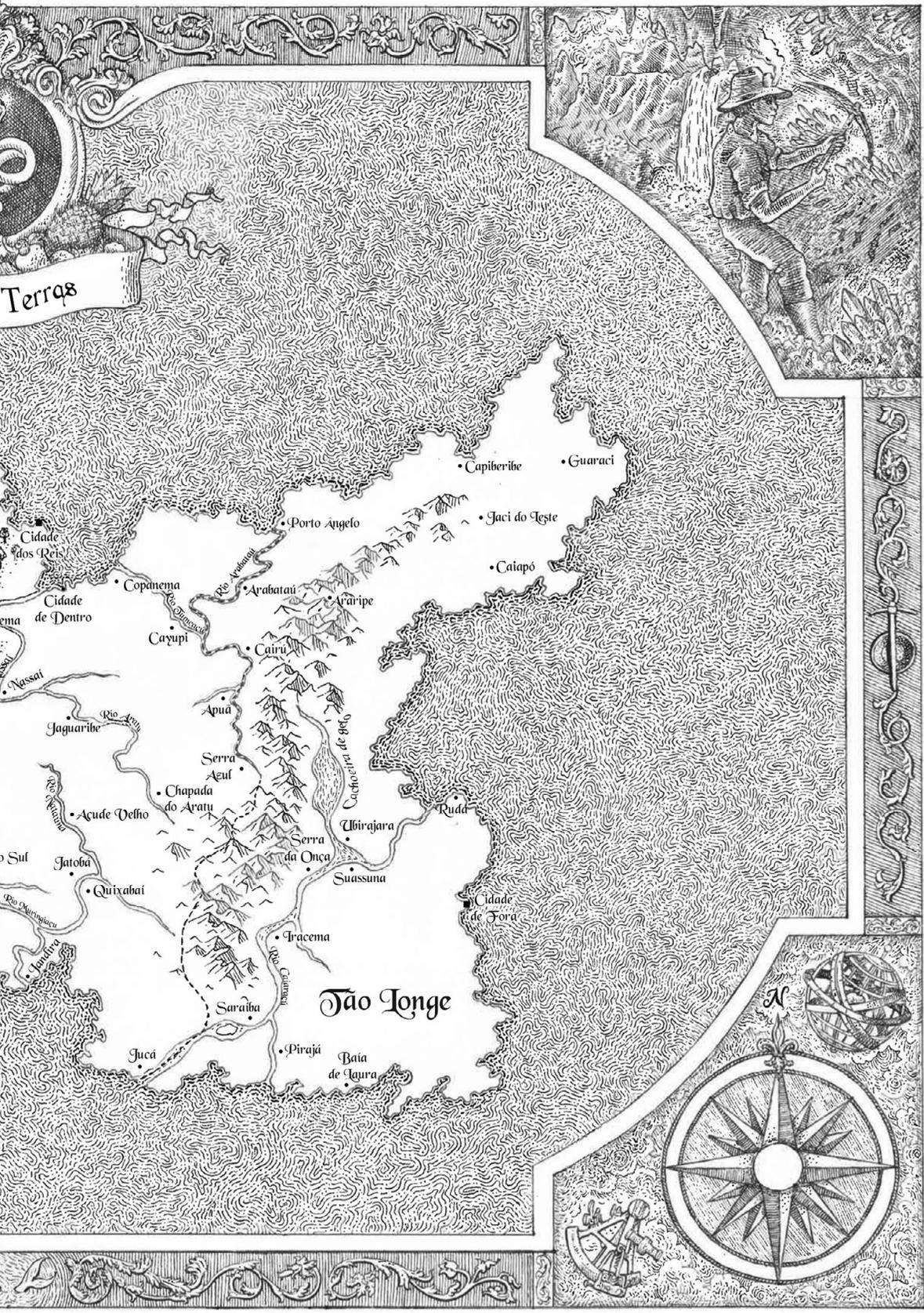
TENDO EM VISTA A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE ME APOIARAM NESTA CONQUISTA, vou tentar não esquecer ninguém. Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família, que é composta pelos meus primeiros fãs. Meus pais, Lucíola e Isaac, que sempre me apoiaram e incentivaram em tudo o que queria fazer. Luísa, Laura e Júlia: minhas irmãs e melhores amigas, que deram vida às personagens de mesmo nome, além de terem me ajudado na construção da história.

Um agradecimento especial a cada familiar materno e paterno, que influenciou de alguma maneira o meu caminho até aqui. Não posso esquecer da Mel, minha gatinha que me fazia companhia nas madrugadas nas quais passava escrevendo.

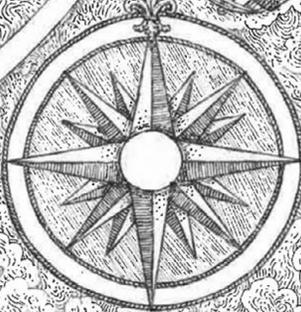
Também quero agradecer à Polianna, Kelton, Bárbara, Tatiany e Matheus, que tornaram minha vida na faculdade mais leve. Ao Fillipe, por seu maravilhoso trabalho com o mapa e a primeira arte da saga; e Juliana, por todo apoio e parceria.

Por fim, mas não menos importante, um gigantesco obrigada ao grupo de leitura *Renascer da Fênix*, de onde vieram os primeiros leitores; em especial, à Aline Silvestri, companheira de editora.

Terras



- Capiberibe
- Guaraci
- Jaci do Oeste
- Caiapó
- Porto Angelo
- Arabataui
- Araripe
- Copanema
- Cidade de Dentro
- Cayupi
- Cairu
- Apua
- Serra Azul
- Chapada do Aratu
- Acude Velho
- Ubirajara
- Ruda
- Suassuna
- Serra da Onca
- Tracema
- Saraiaba
- Juca
- Pirajá
- Bata de Laura
- Cidade de Fora
- Cidade dos Reis
- Nassau
- Jaguaribe
- Jatoba
- Quixabai



1

O CHAMADO E A QUEDA

JÚLIA ESTAVA NA LOJA COM A TAREFA ÁRDUA DE ACHAR UM PRESENTE PERFEITO PARA sua irmã Luisa. Um presente barato, mas especial. Algo que só podia ser achado na loja escura e empoeirada, com prateleiras lotadas de brinquedos velhos e artigos de colecionador.

Uma câmera muito antiga, apesar de ser uma relíquia, era vendida a preço de banana ali. Júlia riu ao se imaginar dando uma banana em troca da máquina fotográfica. *Seria muito bom se funcionasse assim. Eu plantaria centenas de bananas e poderia comprar tantos doces que não caberiam no meu quarto.*

Ela pegou a máquina e a levou até o balcão, onde uma senhora enrugada dormia tranquilamente. Sentiu-se constrangida em ter de acordá-la. Parecia estar tendo um sonho muito bom, pois esboçava um leve sorriso. Havia um sino no balcão, e Júlia decidiu tocá-lo. O som agudo fez tanto a senhora quanto ela darem um pulo.

A garota colocou desajeitadamente a máquina sobre o balcão e entregou o dinheiro. A velha a olhou de modo rabugento quando lhe entregou o troco, mas parou, colocou a cabeça de lado num modo pensativo.

— Eu conheço você?

Júlia puxava o troco, mas a mulher não o soltava.

— Não. Você deve estar me confundindo com outra pessoa.

A velha a olhou desconfiada e, por fim, liberou o troco. Esperou por uma sacola, mas a idosa já estava dormindo de novo. Ela pegou uma sacola no balcão e saiu da loja.

As calçadas estavam cheias de pessoas, e Júlia teve dificuldade de andar, com pessoas se esbarrando e vendedores ambulantes bloqueando ainda mais a passagem. Como se não bastasse, deixou cair sua chave. Rapidamente, ativou seu modo ninja e a apanhou antes de causar algum acidente. Sentindo-se muito esperta, andou até o ponto de ônibus.

Enquanto esperava, observou as pessoas que passavam ali. Umãs apressadas, outras só caminhando na praça. Um senhor, que também esperava o ônibus, parou ao seu lado, esboçou um sorriso quase sem dentes e falou algo tão baixo que Júlia teve de pedir para ele repetir. O velhinho fez uma cara feia, claramente aborrecido, dizendo:

– Eu não entendo essas pessoas de hoje. Se não têm café, então não me ofereçam!

Assim que o veículo parou diante de si, deu graças a Deus; o velho louco entrava pela porta de trás. Era muito comum pessoas assim em sua cidade. Ela achava tudo muito engraçado.

Júlia entrou e se acomodou no banco ao lado da janela. Percebeu que estava com fome quando uma criança que comia um salgadinho se sentou ao seu lado. Ela olhou para o salgadinho, depois para a criança, depois para a comida de novo. Involuntariamente desejou ser aquela criança comendo aquele salgado. *Deve estar tão delicioso.*

Olhou pela janela e viu que já estavam passando pela Mata do Buraquinho. Ela se imaginou se aventurando como Alice no país das maravilhas, floresta adentro.

Certo dia, andando por ali, percebera que uma iguana, em cima da cerca, olhava para ela. Pensando que estava com sorte por achar um animal ali, aproximara-se para bater um papo com a nova amiga. Mas, para sua tristeza, o animal fora embora antes que ela pudesse falar. *Talvez eu deva segui-la!* Mas não estava com sapatos adequados para uma caminhada na floresta fechada, então decidira deixar para a próxima.

Júlia entrou em casa com o presente e correu direto para o quarto de Luisa, mas, no meio do caminho, sentiu uma dor forte na cabeça, como sentira várias vezes antes, desde que tinha caído no banheiro e batido a cabeça no chão.

Ela parou e fechou os olhos, como se isso pudesse aliviar a dor. “Júlia!”, ouviu. *Quem está me chamando?* Olhando para todos os lados, sabia que

aquela voz não era de ninguém que conhecia. Nem sequer podia dizer se era masculina ou feminina.

Foi para a janela, a fim de ver se era alguém no lado de fora da casa, mas não era. *Bom, se for a dona Morte me chamando, é melhor esperar!* Foi para o quarto, e Luisa estava deitada na cama, com fones de ouvido, escrevendo algo no caderno. Nem percebeu que ela se aproximava. Júlia pegou uma pena em cima da cômoda e passou pelo pescoço da irmã. Luisa se contorceu como uma minhoca dançando e riu.

— Você chegou — Luisa disse e, fazendo cara de inocente, acrescentou:
— Eu nem sabia que tinha ido comprar meu presente.

— Ah, quem te contou?

Júlia entregou a sacola amassada e percebeu que devia ter embalado o presente, mas já era tarde.

Luisa fez um “O” com a boca, maravilhada com a máquina fotográfica antiga em suas mãos.

— Ainda funciona?

— Acho que não. É só como uma lembrança. Gostou?

— É claro! — falou, empolgada, e Júlia viu que dizia a verdade. — Eu sempre quis uma máquina fotográfica antiga embrulhada numa sacola amassada. Obrigada.

Depois de mexer em todos os botões e olhar a máquina de todos os ângulos, guardou-a delicadamente sobre a cômoda.

— Queria passar no shopping antes de irmos jantar. Vem comigo? Mamãe me deu cem reais, e papai deu o cartão para o lanche.

Júlia pensou no trabalho que deveria fazer para entregar amanhã, mas poderia resolver isso mais tarde. Os pais dela estavam trabalhando agora, mas prometeram ir à pizzaria comemorar o aniversário de treze anos de Luisa. Quando chegasse, se preocuparia com o trabalho.

Júlia confirmou e as duas foram se arrumar juntas. Após trocarem de roupa três vezes, decidiram que estavam prontas.



O shopping não estava muito cheio, pois era uma quinta-feira. Elas passaram por várias lojas e seguiram para o terceiro andar, diretamente para o estabelecimento que Júlia ansiava por entrar. Desbravaram a loja de bugigangas, apesar de uma relutante Luisa ter insistido em visitar primeiro a loja de sapatos. Ficaram ali por algum tempo, e Júlia decidiu que Luisa deveria escolher o destino delas agora.

Outra dor na cabeça.

Dessa vez estava mais forte, e sua visão ficou turva. Júlia colocou a mão nos olhos para evitar a luz e se apoiou na estante. Luisa percebeu que havia algo errado e segurou a irmã, dando-lhe apoio.

— Júlia, você está bem?

— Estou. Foi só uma tontura. Já passou — mentiu.

Ela já enxergava normal, mas a dor ainda persistia, latejante. Parecia que estavam partindo sua cabeça ao meio com uma machadinha. Júlia passou a mão para certificar se de fato não havia nada de errado.

“Júlia!”

Alguém chamou. Olhando em volta, pensou que alguém estivesse fazendo uma brincadeira de mau gosto com ela. Ou estava tendo alucinações. Ela quase preferiu a última opção.

Tentou clarear seus pensamentos, esforçando-se para não pensar na dor. Percebeu que estava segurando a mão de Luisa com muita força, e relaxou as mãos, esboçando um sorriso engraçado para sua irmã.

Entraram numa grande loja de roupas ainda no terceiro andar. Júlia viu que passariam um bom tempo no estabelecimento para olhar tudo. Foram diretamente para a seção de vestidos. Ela viu uma blusa amarela florida e mostrou a Luisa.

— Essa combinaria com o Cara-de-rato da sua sala. A tonalidade amarela ia contrastar com os dentes amarelos.

— Você viu este aqui? Ficaria perfeito com os cabelos de palha esvoaçantes da Cara-de-cavalo.

Depois de vários comentários, Júlia foi para uma outra seção, e Luisa continuou na de vestidos, comprometida a achar um para hoje à noite. Enquanto seguia para o setor de calças jeans, pensou ter ouvido seu nome outra vez. E outra vez. *Certo, isso já está ficando estranho.* A dor de cabeça ainda persistia, mesmo que mais fraca.

Procurou pelos cantos das araras de roupas para se certificar se tinha alguém brincando com ela. Decidiu, então, que se andasse agachada poderia ter mais sucesso na missão. Esta, no entanto, falhou. Não havia ninguém com ela.

Se fosse para eu ter alucinações, queria que fosse para ver unicórnios e dragões. Decididamente esse tipo de alucinação seria fascinante! Se eu bater com a cabeça mais forte outra vez, talvez não fique apenas ouvindo vozes. Guardou esse item na caixa de memórias “para fazer depois”, e seguiu ao encontro de Luisa.

Ela estava com dois vestidos, três blusas e um sutiã na sacola. Pelo preço das peças, só daria para levar duas e talvez o sutiã. Júlia a ajudou a se decidir e foram para o caixa. Luisa comprou um vestido e uma blusa.

Saíram da loja comentando sobre um menininho que estava com o dedo no nariz e outro coçando as nádegas.

Júlia já estava ficando aborrecida com a dor de cabeça que não passava, quando ouviu de novo a voz. Sua pressão baixou, e ela sentiu que ia cair. Luisa a segurou, e decidiram que era melhor pegar o elevador do que a escada rolante e ir para casa.

Dirigiram-se para o elevador, Luisa apertou o botão para que ele subisse. Júlia já estava com sua visão turva, e a cabeça parecia pesar cem quilos. Com uma mão na testa e a outra apoiada na parede, viu que a porta abriu e entrou, mas o elevador não havia subido ainda. Júlia se viu caindo no fosso.

Ops.